

AUTOLEITURA, AUTOCRÍTICA, AUTOCOMPOSIÇÃO: NIETZSCHE LEITOR DE SI¹

Ricardo Bazilio Dalla Vecchia^{2,3}

ricardovecchia@gmail.com

Resumo: Meu objetivo neste artigo é investigar duas autoleituras que Nietzsche faz do *Nascimento da tragédia* (1872), a do prefácio póstumo *Tentativa de Autocrítica* (1886), e a da sessão dedicada à obra em *Ecce Homo* (1888), a fim de compreender alguns de seus expedientes de autoleitura, autocrítica e auto-composição.

Palavras-chave: Nietzsche, Nascimento da Tragédia, vivência, leitura.

Introdução: eu tomo notas de mim, para mim

“Eu já não respeito mais os leitores: como poderia escrever para leitores?... Mas eu tomo notas de mim, para mim” (KSA 12, 450)⁴. Com esta desconcertante afirmação, Nietzsche conclui o supracitado apontamento 9 [188] de 1887, que abrange a natureza dos livros e seu potencial para estimular a reflexão, em contraponto à corrupção e à degradação da

¹ Recebido: 09-05-2023/ Aceito: 10-06-2023/ Publicado on-line: 28-06-2023.

² É professor na Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0769-782X>.

⁴ Para as citações das obras de Nietzsche, utilizarei a normativa dos *Cadernos Nietzsche*, disponíveis em: <https://www.scielo.br/journal/cniet/about/#instructions>. Para as obras publicadas de Nietzsche utilizarei a tradução de Paulo César de Souza, pela Companhia das Letras. As traduções de cartas e fragmentos póstumos são de minha autoria.

vontade de sistema e à incapacidade dos alemães de lerem bem ou, simplesmente, de lerem. Nietzsche acrescenta que gostaria de não ter escrito *Assim falou Zaratustra* em alemão, pois diferente do que preconizara Herder, com a sua pátria dos poetas e pensadores, “entre os alemães é onde hoje menos se pensa” (KSA 9, 189). Em conclusão, o último apontamento (9 [190]) do caderno W II 1, do outono de 1887) sentencia: “Eu leio Zaratustra: mas como poderia lançar as minhas pérolas perante os alemães de tal forma!” (KSA 12, 451).

A paráfrase do evangelho de Mateus 7:6⁵, no famigerado Sermão da Montanha, alarga a distância e o desprezo de Nietzsche pelos leitores. Cumpre observar, todavia, que no apontamento que desfecha o caderno W II 1, Nietzsche não se coloca como o escritor de Zaratustra, mas como o seu *leitor*. É da perspectiva do leitor que ele insurge contra os alemães e o seu emburrecimento (*Verdummung*), com um importante detalhe. O verbo da última sentença está flexionado no presente: “Eu *leio* Zaratustra” (*Ich lese Zaratustra*). É do presente de sua condição, de sua vivência como leitor, que Nietzsche se confronta com os alemães e se posiciona perante os textos. Os seus, inclusive.

Na altura em que redigiu os apontamentos mencionados, já no final de sua breve vida produtiva, Nietzsche era um escritor e, mais ainda, um leitor experiente. Aos seus livros,

⁵ Mateus (7:6): “Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão”. No Sermão da Montanha, como se sabe, Jesus preconiza alguns princípios para a boa observação da vida cristã. A recomendação de não jogar pérolas aos porcos é muitas vezes lida como uma metáfora dos eleitos, a quem se deve (ou não) ser pregada a mensagem da salvação. Disponível em: https://www.bibliam.com/versiculo/mateus_7_6/.

ou pérolas, porém, faltavam os leitores. O *leitor ideal* (cf. NASSER, 2014) de Nietzsche, diversas vezes tipificado, era o antípoda do leitor porco, o filisteu devorador de jornais (DS/Co. Ext. I). Por isso mesmo, ideal. E a idealização do leitor de Nietzsche é indissociável de sua própria experiência como tal⁶. Nietzsche se projeta no leitor ideal, não por acaso tipificado como um dos “bons filólogos de outrora [que] liam seu Horácio” (EH, *Por que escrevo livros tão bons*, 5; KSA 6. 305)

Estas observações permitem reconsiderar a citação inicial. A afirmação “eu tomo notas de mim, para mim” descreve uma prática peculiar de escrita, mas, também, de leitura. Como bem observa Brusotti (1992, p. 18):

As obras de Nietzsche falam sempre sobre vivências, mas vivências agora pertencentes ao passado. A vivência não é conhecida no momento presente, mas apenas mais tarde, através de um ato de reflexão posterior. Sempre se escreve após a coisa feita. A distância não é apenas temporal, mas uma superação ativa de si mesmo.

Ao modo de um curioso “(auto)prontuário”, um “eu” do presente deixa notas sobre um “eu” do passado, que ainda será relido⁷ por um “eu” futuro, médico/psicólogo – com a ressalva das aspas na primeira pessoa do singular, esvaziada pela crítica de Nietzsche à subjetividade. Há, portanto, uma

⁶ Brobjer (2008, p. 6 ss.) apresenta um interessante inventário sobre as práticas de leitura de Nietzsche, nos diferentes períodos de sua produção. Cumpre destacar: “Pode-se facilmente ter a impressão de que Nietzsche, e especialmente o último Nietzsche, lê pouco. Ele criticou a leitura como insuficientemente afirmativa da vida e dionisíaca [...]. Essa impressão é reforçada pelo fato dele ter mencionado muito poucos autores e títulos contemporâneos e menores em seus livros [...]. No entanto, essa impressão e as afirmações de Nietzsche são falsas em grande parte. Nietzsche foi, de fato, um leitor bastante substancial.

⁷ Num exercício de “autogenealogia”, como tipificam Paschoal (2015) e Viesenteiner (2017).

distância fisio-literária entre os pronomes na sentença “Mas eu tomo notas de *mim*, para *mim* (Grifo meu)”. “Eu”, “mim” e “mim” estão imbricados e distanciados por uma prática experimental de escrita e leitura⁸. Reescrita e releitura. Escrita de si, leitura de si. Autoleitura, autocrítica, autocomposição: meu horizonte de análise no presente texto.

Seleção (*Auswahl*), incorporação (*Einverleibung*) e rejeição (*Abweisung*)

Que os escritos de Nietzsche resultem de um exercício constante de reescrita, é algo que atestam os assim designados fragmentos póstumos. Minha atenção aqui, contudo, recai sobre o experimento contínuo de re-leitura, que atravessa igualmente os textos.

Em compasso com a sua epistemologia, ou dietética, baseada na dinâmica do estômago e seu regime de seleção (*Auswahl*), incorporação (*Einverleibung*) e rejeição (*Abweisung*), segundo a qual “nossa única realidade e ‘cognição’ prova ser apenas um meio de alimentação” (KSA 11, 608), ler, para Nietzsche, é um experimento de alimentação, de antropofagia e, muitas vezes, de autofagia.

Nietzsche leu e releu a si mesmo. Ele digeriu, ressentiu-se e superou a si, pela leitura e, muitas vezes, *autoleitura*.

⁸ Também uma prática de solidão deflagrada após a redação final de *Assim falou Zarathustra*, como bem observa Dehrmann (2014). O comentador ainda diferencia, não como nós a partir de um critério cronológico, mas pelas instâncias enunciativas, diferentes “eus” na obra de Nietzsche, como se lê: “Während Zarathustra – so Detering – ein ‘er’ bleibe, ein ‘reales Gegenüber’, so sei der Antichrist dann ein ‘ich’, eine ‘Rolle, in die [der] Autor selbst eintritt.’ Aus zweien wird hier wieder eins, freilich nun in einem ganz anderen Sinne, als es vor Zarathustra der Fall war” (DEHRMANN, 2014, p. 274).

Afinal de contas, ele se ocupou continuamente de seus próprios escritos. Poder-se-ia dizer que a sua relação com eles seria mais íntima e emocional do que com a maioria das obras que de outro modo ele tivera diante de si [...]. Portanto, também no Nietzsche como autoleitor suas práticas de leitura e não-leitura são multivariadas (SOMMER, 2019, p. 38).

Como bem observa o intérprete, dentre o que Nietzsche leu ou não leu para poder pensar e escrever, situa-se a sua própria obra como uma verdadeira “mina e depósito de material” (Ibid). Do modo como interpreto, porém, esse “depósito de material” não deve ser visto como um antiquário⁹ que Nietzsche eventualmente revisita, mas, insistindo na analogia com a dietética, ao modo da digestão dos ruminantes, um depósito de alimento. Na verdade, é o próprio Nietzsche que encoraja esta associação.

Como vemos, por exemplo, no conhecido prefácio da GM/GM (KSA 5, 256), a prática da “leitura como *arte*” requer a capacidade de *ruminar* (*Wiederkäuen*). Um estômago composto, com diversas cavidades digestivas, deglutição lenta, seriada e repetida: é o que se espera e o que está “bem esquecido” ao homem, ao leitor moderno, o seu leitor.

O dispéptico Nietzsche não pode se esquivar da exigência dietético-metodológica imposta por ele mesmo. Para ele mesmo os textos constituem um alimento, material de ruminação. Antropofagia. No caso da autoleitura, ainda mais curioso, alimento de si. Autofagia. Em virtude disso, aliás, acompanho a designação dos “fragmentos póstumos” como

⁹ No sentido da história antiquária que “sepulta a continuação da vida” que “mumifica”, tipificada por Nietzsche em HL/Co. Ext. II.

*apontamentos póstumos*¹⁰.

Ainda que muitos textos não publicados possuam um caráter fragmentário, isto é, estejam redigidos em forma de lembretes, afirmações desconexas, anotações para futuros escritos, a redação de textos como rascunho¹¹, o “estudo” (na acepção da metodologia do desenho, prática de desenhar diversas vezes um mesmo objeto para aprimorar o traço), permite classificá-los como apontamentos, material preparatório, um processo de composição ou, como preferimos, de digestão que vai dando forma aos textos. O mesmo se aplica às obras publicadas. Elas retratam diferentes estágios de ruminação, perceptíveis, por exemplo, pelo mapeamento e análise das “transformações conceituais” (cf. PASCHOAL, 2009), via “leitura imanente”¹².

Ainda que no caso da autoleitura possa se identificar certo caráter “íntimo e emocional”, particularmente verdadeiro no que diz respeito a obras como *Za*, o “maior presente feito à humanidade” (EH, Prólogo, 4), “a única e substancial exceção” (MA/HH II) dentre os seus livros a serem retrodatados, no caso específico de NT/GT, sobre a qual me deterei mais detalhadamente, não me parece que a complacência consigo mesmo (não incomum aos escritores e aos doentes) tenha comprometido a sua digestão ou, em termos menos licenciosos, a sua leitura crítica.

¹⁰ Sobre o debate acerca da tipificação do material póstumo de Nietzsche, dentre outros, cf. Groddeck (1991).

¹¹ A etimologia da palavra, do espanhol *rascuño*, rascar, rascar, arranhar, ilustra bem o que pretendemos expressar aqui, pois tal como na arte da escultura, onde se lapida, funde, molda, aglomera materiais para produzir uma forma, os textos são produzidos num exercício contínuo de escrita e reescrita, leitura e releitura.

¹² Na acepção de Lopes (2012).

Meu objetivo específico, à luz do que foi exposto até agora, é apresentar e discutir algumas características de duas releituras ou autoleituras que Nietzsche faz do *Nascimento da tragédia*, a da “Tentativa de Autocrítica” (doravante TA), de 1886, e a da sessão dedicada à NT/GT em EH/EH, de 1888, com destaque aos expedientes de autoleitura, autocrítica e autocomposição.

Retrodatar e deixar-se para trás

A escrita de prefácios constitui uma questão à parte na filosofia de Nietzsche, que não pode ser detalhada aqui. Se, por um lado, Nietzsche escreveu prefácios até para livros não escritos, CV/CP, por outro, até 1886 com JGB/BM, ele não possuía o hábito de escrever prefácios para os livros escritos. A exceção foi, justamente, GT/NT, que em sua primeira edição de 1872 trazia o “Prefácio a Richard Wagner”. Os pormenores editoriais que envolvem GT/NT, a única de suas obras publicada três vezes enquanto ele ainda vivia, constitui outra questão da qual também será necessário desviar¹³.

Gostaria apenas de lembrar que, no imbróglio que envolve a terceira edição, cuja capa subtraiu a gravura original do Prometeu acorrentado de L. Raul, e acrescentou o

¹³ Sobre o contexto de redação dos prefácios de 1886, cumpre observar: “De fato, o caderno W I 8 (outono de 1885-outono de 1886) relata a redação dos prefácios que Nietzsche concebe como um seguimento coerente. É também este caderno que contém um rascunho do prefácio de *Além do bem e do mal*, bem como vários fragmentos que mostram que foi no início do outono de 1885 e, mais provavelmente, na primavera ou no início do verão de 1886, que Nietzsche escreveu este prefácio, enquanto sua datação tal como aparece no livro publicado é ‘junho de 1885’. Duas ‘lógicas’ interferem aqui: aquela que tende a apresentar *Além do Bem e do Mal* como sendo de fato a sequência normal, e, mais ainda, como uma espécie de desenvolvimento do *Zarathustra*, e aquela que pretende dar coerência aos prefácios de 1886, cuja culminação só pode ser a obra a partir da qual o leitor será finalmente ‘instruído’ sobre o que é necessário para uma leitura ‘lenta’” (LAUNAY, 1999, p. 19).

subtítulo “Helenismo e Pessimismo”, o “Prefácio a Richard Wagner” (1872) passa a conviver com o posfácio da “Tentativa de Autocrítica” (1886), em plena dissonância. Do ponto de vista material¹⁴, a retomada dos direitos autorais das obras de Nietzsche em 1886 foi o que oportunizou o lançamento da segunda edição de suas obras pela editora de Fritzsich, com exceção de GT/NT, que alcançava a sua terceira edição, após a pouco questionada edição de 1878 publicada por Schmeitzner, em Chemnitz (e que trazia uma etiqueta grosseiramente colada na capa, re-editando e retro-datando a obra, uma vez que as cópias da segunda edição haviam sido originalmente impressas em 1874, pela editora Naumann, de Leipzig).

Seja como for, a TA foi redigida e publicada em 1886 como posfácio de GT/NT, sob o propósito filosófico comum aos assim designados “Prefácios de 1886”, de retrodatar as obras anteriores, como esclarece o prefácio de MA/HH II¹⁵:

Devemos falar apenas do que não podemos calar; e falar somente daquilo que superamos – todo o resto é tagarelice, “literatura”, falta de disciplina. Meus escritos falam apenas de minhas superações: “eu” estou ali, com tudo que me era hostil, *ego ipsissimus* [meu próprio eu],

¹⁴ Já em 1883, Nietzsche planejava redigir prefácios para as suas antigas obras, como se lê no trecho da carta em sequência. Efetivamente, porém, foi a reconquista dos direitos autorais por Fritzsich o que a possibilitou. Carta enviada a Henrich Köselitz, em 6 de abril de 1883 (KSB 6, 401): “Este Verão quero fazer alguns prefácios para novas edições dos meus escritos anteriores: não como se novas edições estivessem iminentes, mas para que eu possa tratar do que precisa de ser tratado no momento certo. Gostaria também de purificar e clarificar o estilo dos meus escritos mais antigos; mas isso só é possível até um certo limite.”

¹⁵ Em uma carta à sua irmã Elisabeth, de 15 de agosto de 1885, Nietzsche manifesta o desejo de revisar de modo substancial as suas obras anteriores: “... não vejo outro meio senão o mencionado para alcançar o que é agora necessário, para publicar os meus escritos anteriores de novo e substancialmente alterados [...] que agora, aos 41 anos, estou isolado, não tenho alunos e sinto todos os dias que estou na minha melhor força para exercer uma grande atividade escolar como filósofo, põe isso também perante a tua alma! Os livros por este ângulo!!! São os meus anzóis de pesca; se não apanham as pessoas para mim, não têm qualquer utilidade!” (KSB 7, 62).

até mesmo, se me permitem uma expressão mais orgulhosa, *ego ipsisimum* [meu mais íntimo eu]. Já se adivinha: eu tenho muito – abaixo de mim... Mas sempre foi necessário antes o tempo, a convalescença, a distância, até que em mim nascesse o desejo de explorar, esfolar, desnudar, “apresentar” (ou como queiram chamá-lo) posteriormente, para o conhecimento, algo vivido e sobrevivido, algum fato ou fado próprio. Nesse sentido, todos os meus escritos, com uma única e substancial exceção, devem ser retrodatados – eles sempre falam do que “deixei para trás” –:

Há preciosas indicações “metodológicas” espalhadas pelos prefácios de 1886, sobre a concepção de leitura/escrita em Nietzsche – com destaque ao prefácio de MA II/HH II. A começar pela exigência (“deve-se apenas falar”; *Man soll nur reden*) da superação (*Überwindung*). Divergindo das práticas (ascéticas) de meditação, contemplação e introspecção comuns à tradição filosófica, o processo de escrita para Nietzsche é pensado sob o expediente de uma fisiopsicologia. Escreve o que se vive, vive o que se escreve. Escreve porque se vive, vive porque se escreve. Escreve como se vive, vive como se escreve. Ao escrever e viver – o que, por que e como – se vive e escreve, o escritor ganha corpo. Estamos diante de um verdadeiro “labirinto”, como bem designa Groddeck (1991, p. 185), que não deve ser entendido como uma confusão (*Unübersichtlichkeit*), mas como uma complexa e bem calculada construção textual, uma “tessitura”¹⁶.

A expressão latina que designa um conjunto de textos como *corpus* (plural de *corpora*, corpo) é particularmente proveitosa para o nosso intento. Se Nietzsche (KSA 11, 608) entende a cognição como um meio de alimentação via

¹⁶ No sentido precisado por Paschoal (2021).

incorporação (*Einverleibung*), o *corpus* de um escritor ganha corpo pela incorporação. Poderíamos inverter a ordem desta sentença sem destoar da dietética nietzschiana, pois os corpos/us, do escritor e da obra, são indissociáveis. A filosofia, e este é o ponto maior do argumento, se faz no corpo. Justamente por isso, escrever requer “explorar, esfolar, desnudar, ‘apresentar’ (ou como queiram chamá-lo)” o corpo. É significativo o chiste de Nietzsche entre parênteses: “(ou como queiram chamá-lo)”; ele se deve, assim interpreto, à falta de dicção sobre o modo fisiológico de ler e escrever, pois não se trata exatamente de apresentar (*darstellen*) uma ideia ou pensamento, mas de explorar (*ausbeuten*), esfolar (*abhäuten*), desnudar (*blosslegen*) o corpo. Uma verdadeira subversão da exegese (ἐξήγησις).

Mediante este experimento fisiológico perfilam-se diferentes “eus”, novamente com o atenuante das aspas. Insistindo no verbo “esfolar” (*abhäuten*; sendo o radical *Haut* pele, em alemão) empregado anteriormente por Nietzsche para descrever o seu “desejo” (*die Lust*) de escrever, talvez fosse mais proveitoso substituir o “eu” entre aspas pela indicação que Nietzsche apresenta no penúltimo aforismo de MO/A, 573: “Mudar de Pele – A serpente que não pode mudar de pele perece”. A exemplo da serpente que realiza sucessivas trocas de pele para poder crescer, Nietzsche deixa para trás, para baixo, os seus “eus” mais próprios (*ego ipsissimus*, ou como Nietzsche superlativa no latim, *ego ipsissimum*), as suas peles, num processo de esfolamento, de superação que requer tempo, convalescença e distância. Tudo isso pela escrita e pela leitura.

Esta dietética, por conseguinte, resulta em um curioso

trabalho de (auto)edição:

Este curso de vida nas escrituras é desdobrado (*entfalten*) pelo editor. Mas, as etapas dessa jornada foram sempre já superadas para o editor, uma vez que vieram à tona – e só se fala do que se superou. Portanto, o próprio editor escreve a partir de um segundo lugar. Isso não nos escritos anotados, mas, por assim dizer, no ponto de fuga das linhas que se tornaram visíveis na obra. E do qual o editor pode olhar para a sua própria vida e oferecer ao leitor uma orientação sobre o seu próprio passado. A obra é exemplar porque pode conduzir o leitor até onde o comentarista agora se encontra [...]. O editor, que de fato serve os textos, sua legibilidade, sempre se coloca acima do que edita. Sem ele [o texto] não teria voz. (DEHRMANN, 2014, p. 280).

Esta breve descrição da fisiopsicologia da escrita em Nietzsche parece-me suficiente para encaminhar a discussão mais específica que pretendo realizar, sobre a questão da autoleitura, autocrítica e autocomposição.

O *tópos* da vivência

Ocasão destacada para a autoleitura, os prefácios de 1886 foram concebidos sobre o *tópos* da noção de “vivência” (*Erlebnis*), que cumpre precisar:

Analisar o conceito *Erlebnis* é realizar a crítica da “razão da vida” de Nietzsche, em que “razão da vida” significa analisar sob que condições de vida emergem e se transformam suas teorias. Enfatize-se, pois, que não consideramos a noção *Erlebnis* como sinônimo de autobiografia, ou seja, um conceito que meramente narra o “sr. Nietzsche” e suas andanças: *Erlebnis* não é narrativa ou descrição de si mesmo, e antes de ser autobiografia, trata-se de uma auto-genealogia [...]. Portanto, *Erlebnis* como “razão da vida” significa menos autobiografia, e mais a tentativa de compreender as teorias a partir das suas condições de vida; ou melhor, pressupondo-se que é preferível escrever somente do que se tenha vivenciado, para que o texto não se torne “vazio,

chato e falso!”, como o livro do Paul Rée, o conceito *Erlebnis* é a crítica das condições de vida ou da travessia espiritual vivida por Nietzsche, sobre as quais suas teorias vêm à tona e se transformam. (VIESENTEINER, 2010, p. 331)

Esta diferenciação permite aprofundar um pouco mais o contraste entre os diferentes “eus” que mencionei anteriormente. Não há uma relação linear entre a vivência e o texto, entre a leitura e o texto e, ainda menos, entre a autoleitura e o texto. Uma complexa dinâmica fisiopsicológica da vivência, uma dietética, atravessa estes processos. Apenas entre aspas, como aliás destacamos, o texto pode ser lido como um “prontuário”, ou “(auto) prontuário”, como *mémoires*¹⁷. Embora os textos não constituam uma simples autobiografia ou diário de viagem, ainda mais no caso de textos escritos sobre outros textos, via autoleitura, a “dimensão subjetiva” se pronuncia particularmente, constituindo um experimento ainda mais complexo sobre a vivência, sobre como esfolar-se, digerir-se ou, simplesmente, como tornar-se o que se é.

Ao encarar vivências passadas, pela autoleitura, Nietzsche articula um exercício deliberado de sondagem de si, autocrítico e terapêutico, uma experiência de compreensão de si que não recai na introspecção, mas que é feita de modo distanciado.

Em que pese a intenção de evitar “cair na subjetividade excessiva na reconstrução da vivência”, como ressalva Brusotti (1992, p. 19): “é precisamente o peso diferente da dimensão subjetiva que distingue os prefácios das obras”. Não só os

¹⁷ Em alusão a JGB/BM, 6: “Gradualmente foi se revelando para mim o que toda grande filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas”.

prefácios das obras, como uns prefácios dos outros. Como bem observa Launay (1999, p. 18):

Na série de prefácios, o único que tem, de certa forma, um estatuto à parte é o “Ensaio de autocrítica”, que atesta o distanciamento tomado pelo autor em relação à sua primeira obra. Tanto que se pode facilmente deduzir dele o curso de uma leitura “imane[n]te” num primeiro sentido, isto é, de uma leitura numa certa ordem que não é indiferente ao autor: *Além do bem e do mal*, *A genealogia...*, para começar, depois as obras intermediárias, finalmente as do início: *O nascimento da tragédia* – mas não sem a reserva introduzida por seu *Humano demasiado humano* I e II. Este percurso permitiria então a leitura do Zaratustra.

Gostaria de acrescentar uma informação e duas breves observações ao comentário acima. Nietzsche não possuía em mãos, esta é a informação, um exemplar de GT/NT quando redigiu a TA¹⁸. Sobre as observações, todas as ocorrências da palavra “autocrítica” (*Selbstkritik*) na obra de Nietzsche foram escritas em 1886 ou depois e fazem referência à GT/NT. Não seria exagero, portanto, afirmar que ele cunhou esta palavra exclusivamente para designar a especificidade da tarefa do posfácio de GT/NT. Tarefa não, e esta é a segunda observação: “tentativa” (*Versuch*). Aqui há de se reconhecer a honestidade intelectual do escritor/leitor/autoleitor, Nietzsche. A pedagogia da vivência, se é que se trata de uma pedagogia, não possui garantias. Escrever sobre si, ler a si, é sempre uma tentativa.

¹⁸ Como se atesta pela carta enviada a Heinrich Köselitz, em 31 de outubro de 1886 (KSB 7, 273 [270]): “Fritsch acaba de enviar os livros antigos em suas roupas novas e limpas, e os “Prefácios”, que parecem bastante estranhos. Em retrospecto, parece-me uma sorte não ter em mãos nem *Humano, demasiado humano*, nem o *Nascimento da tragédia* quando escrevi estes prefácios: pois, cá entre nós, não aguento mais todas essas coisas.

A psicologia de Nietzsche, avessa ao método da introspecção, não poderia simplesmente esquivar-se do problema do conhecimento de si na caracterização da vivência. Afinal de contas, como lemos por exemplo no aforismo 119 de MO/A, “Viver e inventar”:

Por mais longe que alguém leve seu autoconhecimento, nada pode ser mais incompleto do que sua imagem da totalidade dos impulsos que constituem seu ser [...] que tudo isso que chamamos de consciência é um comentário, mais ou menos fantástico, sobre um texto não sabido, talvez não “sabível”, porém sentido? [...] O que são, então, nossas vivências? São muito mais aquilo que nelas pomos do que o que nelas se acha! Ou deveríamos até dizer que nelas não se acha nada? Que viver é inventar?

Os trechos selecionados apontam precisamente para o quão incompleta, deficiente, defectível (*unvollständig*) é a capacidade de autoconhecimento (*Selbstkenntnis*) da dinâmica pulsional das vivências. E tal incompletude diz respeito à própria natureza do objeto de análise que ela tenta recobrir: o corpo. Como se pode notar, o filólogo do futuro Nietzsche compara o corpo ao texto; um texto, porém, que escapa ao consciente (*ungewusst*), ao conhecível (*unwissbar*), mas que se sente (*geföhlt*).

Na perspectiva de Nietzsche, os métodos usuais de investigação de si que povoam o cânone filosófico, como a introspecção, a dialética, a meditação etc., apostam justamente na possibilidade contrária, a possibilidade do conhecer. Não por acaso, muitas vezes Nietzsche condena a classe inteira dos filósofos à vala comum dos “dogmáticos”¹⁹, tal como se lê na

¹⁹ Por exemplo, na proverbial afirmação que inaugura JGB/BM: “Supondo que a verdade seja uma mulher – não seria bem fundada a suspeita de que todos os filósofos, na medida em que foram

ponderação limite: “A novidade em nossa posição atual com relação à filosofia é uma convicção que nenhuma época jamais teve: que nós não possuímos a verdade. Todos os homens do passado ‘possuíam a verdade’, até mesmo os céticos” (NF/FP 1880, 3 [19]).

O ponto que gostaria de destacar é que tais métodos (e seus pressupostos ou “preconceitos”, como Nietzsche prefere designar), ganham forma, ou melhor, corpo, na escrita e na leitura. Ou seja, o modo como se lê e escreve em filosofia não é alheio aos compromissos epistêmicos e morais (e fisiológicos!) de seu autor, pelo contrário, eles é que lhe dão corpo/corpus. Esta é a razão pela qual (e aqui a afirmação já mencionada adquire o exato teor crítico para o qual foi escrita): “Gradualmente foi se revelando para mim o que toda grande filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas” (JGB/BM, 6).

O texto e o autor ganham corpo ao serem escritos²⁰. O texto incorpora o autor e é por ele incorporado. Porém, e esta é a “novidade” na posição de Nietzsche, se nos escapa o (auto)conhecimento do texto do corpo, e entre o “mundo real” e a veracidade (ou a justiça e o amor) não há qualquer relação (*Verhältnis*)²¹, viver é inventar, como sintetiza o

dogmáticos, entenderam pouco de mulheres?”.

²⁰ Mesmo na infraestrutura dos textos, como bem mostra Itaparica (2002, p. 17): “[...] a mudança de determinadas concepções filosóficas de Nietzsche é acompanhada por uma correspondente variação de estilo”. À luz da afirmação de Itaparica, percebo que minha hipótese, um tanto mais alargada, é de que *qualquer* concepção filosófica, de Nietzsche ou não, é “acompanhada” por uma correspondente de estilo. Por conseguinte, de que é necessariamente também pelo estilo que Nietzsche insurge com as concepções tradicionais.

²¹ “Todo o sistema europeu de empreendimento humano parece em parte ‘sem sentido’, em parte já ‘imoral’. Probabilidade de um novo budismo. O maior perigo. ‘Como a veracidade, o amor, a

provocativo título de MO/A, 9.

A diferença, contudo, reside no “para quê” (cf. SPAEMANN & LÖW, 1981) da invenção (*Erfindung*). Enquanto a invenção de Nietzsche quer dar corpo às vivências, ao vivido, ao que “se sente”, o *corpus* da tradição, na perspectiva de Nietzsche, quer dar corpo ao incorpóreo, ou seja, quer desincorporar. A escrita da vivência quer tornar o corpus fluído, cambiante; a escrita da tradição, em sua ascese das definições, quer frear o movimento, uma escrita paralisante. Ou, simplesmente, como se lê na famigerada afirmação de Nietzsche em JGB/BM 4: “é talvez neste ponto que a nossa nova linguagem soa mais estranha. A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida, conserva ou até mesmo cultiva a espécie”.

O ironista misterioso

Não é meu objetivo aqui formular uma hipótese ampla sobre o teor dos prefácios como o faz, por exemplo, Launay (1999, p. 12), ao afirmar que “os prefácios estão interligados como uma espécie de texto contínuo”²². Parece-me suficientemente mapeado por Burnett (2008, p. 20) o esforço de Nietzsche nos prefácios de 1886 por estabelecer, “por trás de suas múltiplas faces”, um “solo comum que juntava pontos aparentemente desconexos”.

A aparência de falta de conexão, destacada no

justiça se relacionam com o mundo real? De modo algum!” (NF/FP 1885, 2 [131]).

²² O mesmo intérprete ainda observa: “É possível, portanto, estabelecer uma ligação, ainda que à primeira vista apenas contingente, entre esses textos de 1886: todos se confrontam com uma situação editorial que coloca em primeiro plano a questão da ‘comunicação’ dos escritos de Nietzsche, no preciso momento em que, depois da escrita de Zaratustra, ele próprio estava em busca de ressonância, mesmo de discípulos” (LAUNAY, 1999, p. 10).

comentário de Burnett, não se deve apenas ao fato de Nietzsche não ser um pensador sistemático (cf. KAUFMANN, 1965; WOTLING, 2008, p. 103 e ss.), ou mesmo à falta de habilidade de seus leitores para estabelecer conexões. Resulta, também, do modo experimental (cf. KAULBACH, 1980) como Nietzsche escreve os seus livros, como incorporação das vivências. Nesta medida, a redação dos prefácios confere àquilo que Nietzsche designou como “vivências pessoais” (*Selbsterlebniss*), termo que ele só utiliza na TA, um alcance ainda maior.

Como observei anteriormente, antes de 1886 em JGB/BM, Nietzsche não possuía o hábito de redigir prefácios para as suas obras, com exceção de GT/NT, mas que nem por isso deixa de ser novamente prefaciada. Após 1886, isto é, a partir de JGB/BM, contudo, Nietzsche passa a prefaciar suas obras. A dietética da autoleitura e a dinâmica do princípio de inteligibilidade da vivência envolvem um contraste entre eus, que na TA tende a colocar a tônica sobre o eu passado que redigiu o livro.

Na sessão 01 da TA, Nietzsche joga com os pronomes e a autoria para fazer ver este contraste e promover o eu que redigiu a obra. Lemos, por exemplo:

- I. Seja o que for aquilo que possa estar na base deste livro problemático, deve ter sido uma questão de primeira ordem e máxima atração;
- II. o cismador de ideias e amigo de enigmas, a quem coube a paternidade deste livro;
- III. Algumas semanas depois, e ele próprio encontrava-se sob os muros de Metz.

Como se percebe, Nietzsche faz referência a si mesmo na terceira pessoa do singular (“ele”; “o cismador de ideias”), alternando as instâncias locutórias para jogar com as noções de autoria ou de “paternidade” do livro. O expediente performativo de Nietzsche chega ao limite quando ele coloca entre aspas o título da própria obra, com o subtítulo da primeira edição, e passa a inquirir sobre o seu significado: “o nascimento da tragédia a partir do espírito da *música*’. – Da música? Música e tragédia? Gregos e música de tragédia?”. A primeira sessão da TA termina com uma alusão a Sócrates como o “ironista misterioso”, mas não devemos perder de vista que é o próprio Nietzsche quem encena um diálogo consigo mesmo, e a respeito de uma obra que ele escreveu.

A partir da sessão 02 da TA, Nietzsche assume a primeira pessoa do singular e inicia o contraste entre os eus. O eu presente, de 1886, assume a função de atualizar, promover e pactuar novos compromissos para a obra, em detrimento dos antigos. “O que consegui então apreender, algo terrível e perigoso, um problema com chifres, não necessariamente um touro, por certo, em todo caso um novo problema: hoje eu diria que foi o *problema da ciência* mesma” (GT/NT, *Tentativa de Autocrítica*, 02). Nietzsche não relata textualmente qual foi o problema, por exemplo, recuperando alguma citação. Ele o renomeia, a partir de uma nova ótica, a do “hoje em dia” (*heute*), e com isso a re-significa e a engaja com os expedientes e compromissos que só se tornaram mais claros com a redação das obras posteriores.

Como bem indica Edmilson Paschoal, além de reconstituir as “tensões internas” em jogo quando da redação da obra, a leitura de si produz efeitos presentes e futuros, por

exemplo, a percepção de como “aquelas tensões foram se desdobrando em novas vivências e novas obras” (PASCHOAL, 2019, p. 98).

Na TA, redigida no contexto de publicação da segunda edição de suas obras (com exceção de GT/NT), Nietzsche parece particularmente interessado em mostrar o que ele já era e não sabia, como se lê:

- I. não quero encobrir de todo o quanto ele me parece agora desagradável, quão estranho se me apresenta agora, dezesseis anos depois – ante um olhar mais velho, cem vezes mais exigente, porém de maneira alguma mais frio, nem mais estranho àquela tarefa de que este livro temerário ousou pela primeira vez aproximar-se – *ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida ...* (§ 1)
- II. Aqui falava em todo caso – isto se confessava com curiosidade e, não menos, com aversão – uma voz *estranha*, o discípulo de um “deus desconhecido” ainda, que por enquanto se escondia sob o capucho do douto, sob a pesadez e a rabugice dialética do alemão, inclusive sob os maus modos do wagneriano; (§ 2)
- III. É pena que eu não me atrevesse a dizer como poeta aquilo que tinha então a dizer: talvez eu pudesse fazê-lo! (§ 3).

A autoleitura não apenas tem a benevolência de auxiliar o leitor a juntar pontos aparentemente desconexos; ela própria estabelece, ou cria, tais conexões. Nesta medida, a última citação (III) soa como estratégia de autocanonização, de intervenção na própria recepção. Pois, não é que Nietzsche já soubesse o quê e como dizer, conteúdo e forma, e lhe faltasse apenas o “atrevimento” (*zu sagen wagen*) para tal.

A conjunção de Nietzsche, na mesma afirmação, após os dois pontos “[...]: talvez eu pudesse dizê-lo” (Grifo meu), está em descompasso com a pedagogia da vivência que ele

mesmo sugestiona nos prefácios de 1886. Nos termos da citação inicial, há uma distância fisioliterária entre o “eu” (presente) que toma notas de “mim” (passado), para o “mim” (futuro) que irá lê-las. Estes diferentes “eus” só se perfilam pela dinâmica da vivência. A possibilidade de dizer algo, e de um determinado modo, pressupõe a vivência, seu acontecimento, sua sobreposição, sua superação. Efetivamente, não há um talvez; Nietzsche não poderia dizê-lo²³.

Entre *Erlebniss* e *Hintersinn*

Na verdade, a diferenciação temporal entre os eus, passado-presente-futuro, não descreve do melhor modo o que está em jogo aqui. Não há uma linearidade entre os diferentes momentos do “eu”. Tampouco ela é cumulativa. Por isso mesmo, falamos em uma dietética da vivência, pela dinâmica da incorporação e rejeição, nos termos do apontamento. Em minha dissertação de mestrado (DALLA VECCHIA, 2009), li com mais entusiasmo a afirmação da TA de que “o livro todo conhece apenas um sentido de artista e um retro-sentido de artista por trás de todo acontecer”.

Atualmente, porém, tendo a reconsiderar esta afirmação. Em primeiro lugar, com ênfase na preposição “hinter” em “retro-sentido” (*Hintersinn*), ou sentido subjacente, sentido oculto. Tendo a interpretar que este retro-sentido (palavra que Nietzsche só passou a utilizar a partir de 1885) permaneceu oculto ao próprio pai do livro, diferente do autor

²³ Launay (1999, p. 14): “Esse arrependimento toca diretamente a questão da inteligibilidade do discurso, não porque Nietzsche lamenta ter usado fórmulas ‘schopenhauerianas’ e ‘kantianas’ para formular posições que se opunham a esses dois autores, mas porque assim se produz uma inteligibilidade equívoca”.

que dezesseis anos mais tarde assinará a TA. É interessante destacar, considerando noções como a de autoria e assinatura de Derrida, que Nietzsche não designa a si mesmo como o “autor”, mas como pai de GT/NT na TA, § 01. Em segundo lugar, entendo que o sentido ou retro-sentido de artista, ainda que constitua a visada fundamental e diferencial do livro é, como atenua o advérbio utilizado por Nietzsche, “apenas” (*nur*) um sentido. Nisto reside a distância fisiolite-rária entre o *Hintersinn* e a *Erlebniss*, que sugeri anteriormente.

Pela dinâmica da *Erlebniss* foi possível reconhecer, postumamente é claro, o sentido oculto, o retro-sentido que deu forma a GT/NT. GT/NT foi escrito, de acordo com o Nietzsche da TA, sobre a regência de um “deus-artista”, numa alusão ao mito do demiurgo de Platão, no *Timeu*. Ocorre que ali a visada deste deus criador, para utilizar uma imagem do próprio Nietzsche, ainda é muito “ciclópica”, uma visada unidimensional, na medida em que o retro-sentido da metafísica de artista se impõe no ponto de vista, e a querela do nascimento da tragédia é vista a partir (*aus dem*) do espírito da música, como posiciona o subtítulo da primeira edição.

Uma nova edição de HH acaba de aparecer, com um longo prefácio (uma folha impressa); (*Nascimento da tragédia*) está a ser preparado para o mesmo fim, enriquecido por uma *Tentativa de Autocrítica*, na qual conto fundamentalmente a verdade sobre o meu Wagnerianismo e Romantismo de outrora. (BVN-1886,741; Carta a Bernhard e Elisabeth Förster enviada em 2 de setembro de 1886).

Fundamentalmente, a tentativa de realizar uma

autocrítica, expressão que não figura em nenhum dos outros prefácios de 1886, diz respeito a isso, a uma questão de visada, de perspectiva. Faltou deslocamento, nuance. Acrescento que a propalada afirmação de Nietzsche na § 3, isto é “a tarefa de que este livro temerário ousou pela primeira vez aproximar-se – *ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...*”, é uma tarefa apenas reconhecida e designada como tal *a posteriori* por Nietzsche. Ou seja, o pretensioso jogo de óticas de GT, só se torna claro pelo expediente da vivência e da autoleitura²⁴.

Surge o ensejo para algumas rápidas observações sobre a seção de GT em EH, onde a tônica de Nietzsche, segundo Sommer, é dissociar GT da aplicação útil (“*Nutzanwendung*”) feita pelo wagnerianismo.

Embora o *tópos* da vivência também seja o fio condutor aqui, a sessão de EH possui outro andamento, em grande medida atrelado à decepção pessoal de Nietzsche com a sua recepção, dois anos depois, agora em 1888. Recorde-se que, dois anos atrás, os prefácios de 1886 foram escritos no contexto de grande expectativa quanto à nova edição das obras, como se lê, por exemplo:

Depois de um chamado, do mais íntimo da alma, como foi o meu *Zaratustra*, não ouvir um som de resposta, nada, nada, sempre apenas a solidão sem som, agora mil vezes mais solitária – há algo terrível nisso, além de todos os conceitos, e o mais forte pode perecer dela – oh, e eu não sou “o mais forte”! (KSB 8, 93).

²⁴ Para apoiar esta hipótese, lembraria que não há nenhuma ocorrência do substantivo feminino “ótica” (*optik*) em GT.

A seção sobre GT em EH começa com uma importante ressalva: “Para ser justo com *O nascimento da tragédia* (1872), seria preciso esquecer algumas coisas”. Fundamentalmente, seria preciso esquecer os compromissos e a aplicação útil que comprometeram a perspectividade interna e externa de GT, em particular o wagnerianismo que balizou a sua escrita e, sobretudo, a sua leitura. Linhas abaixo, ainda na seção 01, Nietzsche argumenta que o novo subtítulo da segunda edição, “Helenismo e Pessimismo”, de 1886, teria evitado a ambiguidade (*unzweideutig/erer*), a duplicidade de sentido, que o primeiro subtítulo de 1872, “no espírito da música”, ensejou.

A ambiguidade inicial de GT estava explícita já no título, posto que um texto sobre os gregos, ou como especifica Nietzsche, “sobre como os gregos deram conta do pessimismo” (EH/GT, § 01), estava em dissonância com o espírito da música, a wagneriana, uma música anti-grega ou, simplesmente, “romântica” como Nietzsche a designa em FW 370.

A aflição de Nietzsche ao ver a sua primeira obra ser frequentemente citada como “O renascimento da tragédia a partir do espírito da música” foi tão grande, como lemos em EH, que ele decidiu intervir. Como indiquei a partir do prefácio póstumo de HH II, o Nietzsche de 1886 considera que todos os seus escritos (com uma única e substancial exceção) devem ser retrodatados. Com GT, porém, ele foi mais longe, ele o re-escreveu.

Conclusão

Mesmo a recepção contemporânea a Nietzsche – e GT goza de uma posição diferenciada no corpus nietzschiano, uma vez que, diferente das outras, a obra foi vendida e lida – se perdeu nesta ambiguidade e confusão, sobre a qual, nos dois textos que mencionamos, Nietzsche tentou intervir, nem que fosse às custas de ler a si mesmo do modo como gostaria de ser lido, ou de reescrever a si mesmo para poder ser lido como o velho Horácio.

Como lemos na carta que Nietzsche envia à sua mãe em 10 de outubro de 1887: “Encontrei aqui tudo o que foi impresso nas revistas alemãs sobre o meu último livro: um amontoado de ambiguidade e antipatia de arrepiar os cabelos” (KSB 7, 263). Nesta mesma carta, linhas depois, o filósofo ainda pondera:

[...] se alguém tivesse compreendido algo do meu primeiro escrito, “Nascimento da Tragédia”, poderia ter ficado horrorizado e atravessado da mesma forma, mesmo nessa altura. Mas nessa altura eu vivia sob um bonito véu e era venerado pelo gado com chifres alemães, como se eu lhes pertencesse (KSB 7, 263).

A nova edição de GT não apenas suprimiu a distinta xilogravura do artista berlinense Leopold Raul. Ela suprimiu o subtítulo original. De algum modo, o próprio título foi suprimido, na medida em que se somou a ele a conjunção alternativa ou (*oder*): *Nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Na verdade, o verbo suprimir, com todo o peso que ele carrega na filosofia de Nietzsche, não me parece o mais acertado. “Helenismo e pessimismo” vem a *sobrepor*, ao modo de uma dissonância musical, a harmonia de GT.

Nesta medida, a conjunção alternativa “ou” passa a soar menos como excludente (isso ou aquilo) e mais como includente, sobreposta, dissonante. Com esta manobra, esta *composé*, Nietzsche parece querer forjar, num truque de pena e tinta, a perspectividade comprometida na primeira edição.

Se na TA a tônica da pedagogia da vivência recai sobre o que ele já era e não sabia, na seção de EH ela destaca ainda o que lhe turvou a visão e impediu de ser, ou pelo menos de perceber, o que era. Na verdade, a ambiguidade não diz respeito apenas ao projeto dúbio de GT, ela diz respeito ao próprio Nietzsche, em diferentes momentos, que a experiência pela releitura trouxe à tona.

Não por acaso, na seção sobre GT de EH, todos os grandes oponentes teóricos de Nietzsche são nomeados, pela ordem: Wagner, Schopenhauer, Sócrates, Platão, para não falar do niilismo, da *decadénc*e, do cristianismo e do idealismo. E dois nomes também se erguem como totens do que ele ali designa “Anti-Alexandres”: Zaratustra e Heráclito. Em GT eles ainda padeciam de certa indiscernibilidade juvenil. Um deus desconhecido, velado sob o capucho do douto, venerado pelo gado de chifres alemão. Ao que Nietzsche reage: “Bem, isto já teve o seu tempo. Sem dúvida, ainda vou ser ‘descoberto’ alguns anos antes em França do que na minha terra natal”. Antes mesmo dos franceses, foi o próprio Nietzsche que, pela autoleitura, autocrítica e autocomposição, se descobriu.

Abstract: My objective in this paper is to investigate two self-readings that Nietzsche makes of *The Birth of Tragedy* (1872), that of the posthumous preface *An Attempt at Self-Criticism* (1886), and that of the session dedicated to the work in *Ecce Homo* (1888), in order to understand some of their self-reading, self-criticism and self-composition expedients.

Keywords: Nietzsche, Birth of Tragedy, experience, reading.

Referências bibliográficas

BROBJER, Thomas H. *Nietzsche's Philosophical Context: An Intellectual Biography*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 2008.

BRUSOTTI, Marco. Introdução. In: *Friedrich Nietzsche. Tentativo di autocritica. 1886-1887*. Gênova: Il Melangolo, 1992.

BURNETT, Henry. *Cinco prefácios para cinco livros escritos: uma autobiografia filosófica de Nietzsche*. Belo Horizonte: Tessitura, 2008.

DALLA VECCHIA, Ricardo Bazilio. *Nietzsche e a metafísica do artista: o Centauro e o fio de Ariadne*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2009.

DEHRMANN, M. Sich selbst lesen – Nietzsches Vorreden von 1886/87 und Also sprach Zarathustra. In: BENNE, C.; MÜLLER, E. *Ohnmacht des Subjekts – Macht der Persönlichkeit*. Basileia; Berlim: Schwabe Verlag, 2014. p. 273-85. (Beiträge zu Friedrich Nietzsche)

GRODDECK, Wolfram. *Friedrich Nietzsche: “Dionysos-Dithyramben”*, Bd. 2: Bedeutung und Entstehung von Nietzsches letztem Werk. Berlin; New York: 1991.

GRODDECK, Wolfram. “Vorstufe” und “Fragment”. Zur Problematik einer traditionellen textkritischen Unterscheidung in der Nietzsche-Philologie. In: STERN, Martin (ed.). *Textkonstitution bei mündlicher und bei schriftlicher Überlieferung*. Tübingen: Niemeyer, 1991. p. 165-175.

ITAPARICA, André L. Mota. *Nietzsche: estilo e moral*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNLUI, 2002. (col. Sendas e veredas)

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist*. Nova York, The World Publishing Co., 1965.

KAULBACH, F. *Nietzsches Idee einer Experimentalphilosophie*. Viena: Böhlau Verlag, 1980.

LAUNAY, Marc de. *Nietzsche: Essai d'autocritique*. Paris, Le Seuil, 1999.

LOPES, Rogério. Estudo de fontes e leitura imanente: algumas considerações metodológicas a partir do caso Nietzsche. *Dissertatio*, n. 35, p. 227-247, 2012.

NASSER, Eduardo. Nietzsche e a busca pelo seu leitor ideal. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. I, n. 35, p. 33-56, 2014.

NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe (KSA)*. Berlin/München: Walter de Gruyter/dtv, 1988.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Transformação conceitual. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 17-30, 2009.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Autogenealogia: acerca do “tornar-se que se é”. *Dissertatio*, v. 42, p. 27-44, 2015.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Ficcional, demasiado ficcional: o “personagem Nietzsche” nos prefácios de 1886. *Estudos Nietzsche*, v. 10, p. 91-114, 2019.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. A arte da escuta: Nietzsche pelos ouvidos de Derrida. *Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas*, v. 5, n. 12, jul./dez. 2021.

SOMMER, A. U. O que Nietzsche leu e o que não leu. Trad. Saulo Krieger. *Cadernos Nietzsche*, v. 40 n. 1, abr. 2019.

SPAEMANN, Robert; LÖW, Reinhard. *Die Frage wozu? Geschichte und Wiederentdeckung des teleologischen Denkens*. München: Piper, 1981

VIESENTEINER, J. L. *Erlebnis* (vivência): autobiografia ou autogenealogia? Sobre a “crítica da ‘razão da minha vida’” em Nietzsche. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 327-353, jul./dez. 2010.

VIESENTEINER, J. L. *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*. Campinas: Editora PHI, 2013.

WOTLING, Patrick. *La philosophie de l'esprit libre: Introduction à Nietzsche*. Paris, Flammarion, 2008.